

A VASSOURA É MEU GANHA PÃO: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS ATRAVÉS DA ECONOMIA FAMILIAR E O SISTEMA MONETÁRIO BRASILEIRO.

Manuely Santos dos Anjos ¹
Adriele de Souza Lima Galvão ²
Luma Silva Matos ³

RESUMO

O consumo desenfreado, o uso desequilibrado dos recursos naturais e o descarte inadequado de resíduos sólidos têm trazido riscos aos seres vivos. Isso tem provocado um alerta para a promoção de ações sustentáveis, buscando integrar sociedade-escola-economia construímos um projeto voltado para valorização da economia familiar e a reutilização de garrafas PETs. Nesse sentido, surge a temática “A vassoura é meu ganha pão: economia familiar e o sistema monetário brasileiro”, onde o foco não é apenas a busca do desenvolvimento matemático, mas também, as transformações sociais, considerando o tripé da educação, que visa a pesquisa, extensão e o ensino. Assim, o presente artigo tem como finalidade abordar as experiências vivências através do projeto ,construído na turma do 3º ano do Ensino em Tempo Integral da Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira na cidade de Amargosa-BA. O objetivo geral foi conhecer o processo histórico da produção da vassoura ecológica no bairro da Catiara através do sistema monetário, proporcionando o ensino da matemática através de vivências práticas e comunitárias. Desse modo, essa pesquisa utilizou-se do método qualitativo e quantitativo para o levantamento dos dados das vassouras vendidas mensalmente, semestralmente e anualmente, visando construir uma teia educativa com os conteúdos escolares. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevista, observação nas etapas de produção e visita ao espaço de vendas na loja de produto de limpeza. Articulando assim, o sistema monetário aos conceitos de economia familiar como estratégia de ensino com foco na aprendizagem da matemática e promoção da igualdade de gênero. Através dos resultados apresentados na Feira Municipal de Matemática e Ciência-FECIMA, criando experiências e métodos matemáticos para potencialização dos saberes escolares. Em suma, o projeto desenvolveu práticas pedagógicas que visam a valorização dos saberes culturais e científicos dos estudantes através dos conteúdos escolares.

Palavras-chave: Vassouras ecológicas, práticas de pesquisa e extensão e economia familiar.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, Especialista em História e Cultura Africana, afro-brasileira e indígena-IFBA e Mestranda em Relações Étnica e Contemporaneidade-UESB, manuely.lamdyn@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia na Faculdade Zacarias de Goes-FAZAG. Especialista em Alfabetização e Letramento –FAMEESP e Especialista em Educação Especial-IBRA dricalimasouza19@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Especialista em História da África pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Especialista em LIBRAS pela Universidade Cândido Mendes, Mestre em Educação do Campo Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, lumamatos.edu@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Ninguém nasce feito: é experimentando-nos com o mundo que nós nos fazemos.
(FREIRE, 2001, p. 40).

A organização da prática pedagógica de qualquer escola não está desvinculada da trajetória de vida de um/a professor/a. Existe um contexto, porque nem sempre alcançáveis pela tessitura de um planejamento, mas, fundamentais para entendimento de onde se quer chegar. Complexidades que são necessárias para compreendermos o caminho de ensinar, melhor ainda, a relação professor(a) e o fazer pedagógico.

Walter Benjamin (1994, p. 37) diz que “um acontecimento vivido é finito (...) ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”. Dessa forma buscou-se olhar para dentro, fazer uma autoleitura sobre acontecimentos, experiências e vivências, e como estas, ao mesmo tempo que são individuais são também memórias coletivas, e contribuem para esta produção. Na sala de aula, essas vivências tornam-se coletivas, aproximam e sistematizam saberes antes não produzidos, construindo uma organização de conhecimento que só é possível quando se está em coletividade. Nessas andanças a produção desse projeto é lançada, entre o ouvir e sentir dos alunos, entre as rodas e conversas entre professor/a e crianças, entre pensar a comunidade e o papel da escola, na busca por mudanças.

Na obra Educação e Mudança, Paulo Freire (1987, p. 27) enfatiza que “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”, logo é de suma importância o exercício filosófico-antropológico, a fim de nos entendermos, “pensar sobre nós mesmos”, perceber-nos como seres inacabados e em “busca constante de ser mais”. Assume-se então o lugar de quem está em constante formação, tanto pelo que foi vivido como pelo que há de viver. O que foi elaborado não está acabado. Este momento é mais um intercurso formativo ou melhor uma formação que se dá por conexões com outras pessoas/momentos.

Nesse sentido, surge a temática “A vassoura é meu ganha pão: economia familiar e o sistema monetário brasileiro”, onde o foco não é apenas a busca do desenvolvimento matemático, mas também, as transformações sociais, considerando o tripé da educação, que visa a pesquisa, extensão e o ensino através de um currículo voltado para a Pedagogia Histórico Crítica, na qual é a base pedagógica da educação municipal e Amargosa. Assim,



o presente artigo tem como finalidade abordar as experiências vividas através do projeto ,construído na turma do 3º ano do Ensino em Tempo Integral da Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira na cidade de Amargosa-BA. O objetivo geral foi conhecer o processo histórico da produção da vassoura ecológica no bairro da Catiara através do sistema monetário, proporcionando o ensino da matemática através de vivências práticas e comunitárias. Desse modo, essa pesquisa utilizou-se do método qualitativo e quantitativo para o levantamento dos dados das vassouras vendidas mensalmente, semestralmente e anualmente, visando construir uma teia educativa com os conteúdos escolares. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevista, observação nas etapas de produção e visita ao espaço de vendas na loja de produtos de limpeza. Articulando assim, o sistema monetário aos conceitos de economia familiar como estratégia de ensino com foco na aprendizagem da matemática e promoção da igualdade de gênero. Através dos resultados apresentados na Feira Municipal de Matemática e Ciência-FECIMA, criando experiências e métodos matemáticos para potencialização dos saberes escolares. Em suma, o projeto desenvolveu práticas pedagógicas que visam a valorização dos saberes culturais e científicos dos estudantes através dos conteúdos escolares.

No que tange a mediação da prática social global, de acordo com Saviani, a educação estabelecida na Escola Dom Florêncio visa desenvolver prática, possibilita que as novas gerações adquiram elementos do modo de produção herdados da geração anterior para se tornem “agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações humanas” (SAVIANI, 2011, p.121). Assim, a Feira de Ciências e Matemática-FECIMA foi criada em 2023 com o objetivo de construir teias metodológicas em torno de pesquisas científicas que possibilitem a prática matemática através de vivências e pesquisas científicas.

A FECIMA desenvolve ações sob a perspectiva de despertar vocações, revelar capacidades, criatividade e habilidades científicas, tendo como referência a competência de criar propostas de solução para os problemas reais da vida cotidiana, bem como de incentivar o protagonismo dos estudantes a partir da iniciação científica. Com a exposição das experiências (iniciação científica) e de trabalhos valendo-se de novas tecnologias, o projeto possibilita a socialização, além da troca e construção de conhecimentos. Enfatizamos que FECIMA, em seus aspectos teóricos e metodológicos, responde às expectativas em relação às competências e às



habilidades propostas nas diretrizes curriculares para o Ensino no que se refere à Base Nacional Comum Curricular-BNCC quanto ao Documento de Referência Curricular da cidade Amargosa, uma vez que ambos propõem que as escolas promovam ações de Letramento matemático dos estudantes, um elemento essencial para o desenvolvimento integral destes.

No que tange ao cunho metodológico foram utilizadas a pesquisa qualitativa, como fonte de coleta de dados utilizou-se a visita a campo, entrevista semiestruturada e apresentação dos resultados através da Feira de Ciências e Matemática Escolar e Municipal.

Para embasamento teórico desta pesquisa utilizamos como referência Saviani 2011 que defende a pedagogia histórico-crítica que formula a necessidade que tem em se compreender a educação no seu “desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção” (SAVIANI, 2011, p.80)

É nessa transformação que buscamos com o projeto, trazer o bairro da Catيارا ao debate, mostrando e fortalecendo o trabalho de mulheres negras de comunidade periférica que sustentam suas famílias através da produção de vassouras reciclando garrafas pet.

Nesta pesquisa também nos fundamentamos em Paulo Freire (2018) via a educação como uma prática libertadora e política, com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre sua realidade e capacitá-las para transformá-la.

No desenvolver das ações do projeto vimos que os alunos e a equipe escolar buscavam sintonia quanto ao objetivo a ser alcançado, visando o desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos. Quando há sintonia nas expectativas dos professores e dos demais sujeitos da comunidade escolar em seus modos de ver e entender o processo desconstrução do conhecimento e o modo de avaliar as aprendizagens, os resultados acontecem de modo satisfatório a todos.

PRODUÇÃO DE VASSOURAS E ECONOMIA FAMÍLIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE DA CATIARA.



Kangbasoke lati kọawọn ti o joko lati kọẹkọ
(Só se levanta para ensinar, aquele que se sentou para aprender)
Provérbio Iorubá

A sala de aula do 3º ano A é composta de 26 alunos, as aulas ocorrem no turno matutino. Sua sala é formada por crianças de diferentes etnias. Suas culturas fundamentam o novo tempo de ensinar e como ensinar, abrindo portas para um olhar sensível para a ancestralidade embasada no conhecimento científico africano. A professora sinaliza os principais desafios de ensinar na turma:

A minha turma é composta por 26 alunos. No início foi bem difícil trabalhar com essa turma, bem difícil mesmo. Foi o novo para eles ter uma professora que pega no pé. Para eles aceitarem o novo, foi bem complicado. Tivemos vários conflitos. Eles não seguiam regras, eles não obedeciam, eles conversavam muito, eles não me aceitavam no início. E demorou de aceitar. Foi um tempo para eu conseguir conquistar essa turma. Aos poucos fui conquistando de um a um, fui conhecendo a realidade de cada um, vidas difíceis dessas crianças, né? Onde o preconceito, eles sofrem muito preconceito, eles passam necessidades de coisas! De alimentação. São crianças que a maioria são criadas pela mãe sem o pai, e onde essa mãe precisa estar trabalhando para poder levar o sustento. Mas, conhecendo a realidade de cada um, eu fui me aproximando, fui cuidando de cada um (2024, p.2).

Cabe observar que a sala do 3º ano A, vivencia diversos dilemas em relação à estrutura familiar, questões econômicas e sociais, por isso um olhar sensível para construção de uma pesquisa de alto valorização dos sujeitos inseridos no ambiente escolar foi primordial para uma educação voltada para a humanização (Freire, 2018).

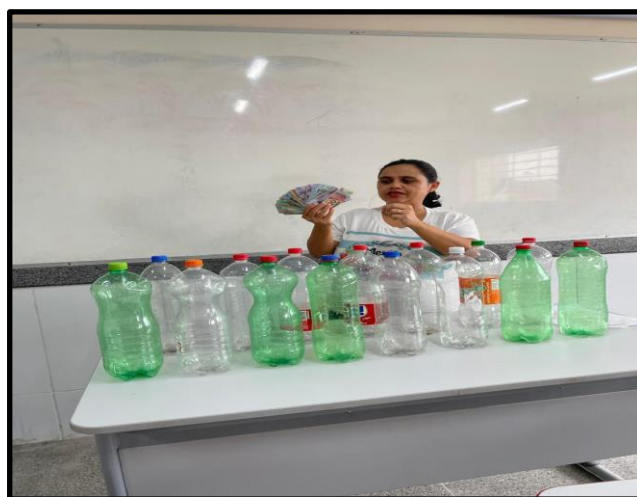
Através das vivências a professora Adriele fornece a percepção do papel social dos indivíduos no seu próprio grupo e fora dele. Pois, quando a etnicidade é friccionada com as histórias compartilhadas dos seus alunos, elas se alinham na socialização de fatores construtores da ancestralidade, sendo eles os estratos sociais que atravessam pessoas de diferentes grupos étnicos.

O cuidado nas aulas sempre começa nas rodas de conversa ou música, a professora gosta de cantar com eles. O estudo do sistema monetário e economia familiar, para a Feira de Matemática-FECIMA começou com uma roda de conversa sobre temas que atravessam o cotidiano dos estudantes, através de uma escuta coletiva sobre o bairro da Catiara. O tema construído no coletivo foi “A vassoura é meu ganha pão: economia



familiar e o sistema monetário brasileiro”. Desse modo, as práticas pedagógicas começaram a ganhar alinhamento com a matemática curricular, visando tecer histórias de vidas e economia.

Figura 5 - Aula de sistema monetário e apresentação do tema do projeto de Matemática



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Nessa foto, a professora apresentou às crianças como mulheres do bairro ganharam a vida, transformando garrafas PET em vassouras para sustentar suas famílias. A escolha do tema partiu de uma conversa no lanche entre a professora e uma aluna, como sinaliza Teresa *“eu queria falar de muitas coisas com eles, mas quando me apresentaram essas mulheres, não poderia escolher outro tema”*. A professora deixa algo visível em sua fala, como as mulheres que promovem o sustento familiar são representações da sua formação étnica, ponto demarcador na fala da educadora: *“As mulheres sempre estiveram presentes em minha vida, minha mãe, minha tia e hoje minha filha, são elas que me sustentam como mulher”*. Na fala da professora Adriele, notamos como o gênero feminino tem papel crucial na sua formação étnica, tornando-se agora um de valorização econômica e política para outras mulheres. Quando a professora expõe que não poderia escolher outro tema, ela se refere ao papel que as mulheres ocupam na etnicidade dessas crianças.

Nesse caso, notamos a relação entre gênero e etnicidade, como espaços de representações política, econômica e o território de valor para além da origem ancestral, enquanto sustento dos direitos à alimentação, mas como organização política.





Fonte: Acervo da pesquisadora

A professora também aponta gênero feminino como espaço para pensar as formas de significar as relações de poder, chamou a atenção para como essa configuração de gênero, etnicidade e participação política faz parte do processo histórico no qual essas relações e suas representações vão consolidando umas formas e não outras na etnicidade.

Gomes (2003) explica que construir a teia de relações dentro e fora da escola, reconhece que a instituição social, é construída por sujeitos socioculturais e consequentemente, é um espaço da diversidade étnico-cultural. No andar das aulas com a turma, eles precisaram romper com a sala de aula, adentrar para o universo que a escola segrega os sujeitos sociais e históricos existentes na vida educacional.

O segundo encontro com a turma foi bem movimentado, era momento de ir até essas mulheres, conhecer as etapas da construção das vassouras e ouvir histórias reais. A foto 2 mostra como pensar a diversidade vai além do reconhecimento do outro, Gomes (2003), significa pensar a relação entre eu e outro, uma vez que aprender não é meramente teórico e praticar o exercício da criticidade. Nessa visita, os alunos tiraram suas dúvidas e reconheceram o papel dessas mulheres na sua comunidade, sua importância na economia financeira e cultural, principalmente pelo trabalho na formação econômica da sua comunidade. Isso significou aprender sobre as diferenças, compreender como diferentes grupos humanos conduzem sua interpretação do mundo a partir das suas



experiências, “cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados” (Gomes, 2003, p. 72-74). Através das experiências vivenciadas entre professora e alunos, novos caminhos foram construídos, suas relações encontram agora significados de pertencimento. Ao questionar como essas vivências contribuíram para o relacionamento na turma, a professora sinalizou que: “*Eu precisei reviver com eles, coisas da minha infância, eu precisei me permiti ser mais que professora*”, outrossim a professora também explica que:

É uma turma que fez toda a diferença na minha vida, porque foi bem difícil no início. E hoje, quando eu olho para a turma, o jeito que eles são, o comportamento, a forma deles me tratar, eu tenho uma nova visão. E são crianças que a todo momento precisam ser acolhidas, precisam ser ouvidas e elas vivem uma vida bem difícil em casa, onde falta alimentação.

Nas falas da professora Adriele, notamos como reviver sua infância foi um processo necessário para entender a sua própria prática pedagógica. Cardoso de Oliveira (2003) explica que a etnicidade é a consciência de sua história, ou da sua historicidade, só é construída ao longo do tempo em grupos étnicos.

A professora Adriele trabalhava para que suas aulas se transformassem em uma comunidade, que o tempo pedagógico acontecesse com práticas engajadas, comprometidas e articuladas. bell hooks (2017) nos ensina que o entusiasmo é o instrumento que muda professores autoritários e alunos “resistentes”, para comunidades pedagógicas, construída pelo esforço coletivo. É importante que os envolvidos - professores e estudantes - reafirmam e pratiquem a mudança e, para tanto, precisam reconhecer o poder que têm em mãos e a luta que travaram contra as estruturas autoritárias e mantenedoras de uma educação que prevê hierarquia, obediência e distância entre discentes e docentes (bell hooks, 2017).





Fonte: Acervo da pesquisadora

A ação de estar com essas professoras no movimento de aprender e ensinar, mostra como a ancestralidade cruza-se com a sala de aula. Adriele sinaliza, em todos os momentos, que *“meu maior desejo é que no final do ano eles possam ter autonomia de ler e escrever, muitos já estão nessa etapa com idade avançada, alguns por negligência da família outros não tiveram a oportunidade de estudar antes”*. A professora, ao longo de suas falas, vem apresentando como a sua prática social se constrói em comunidade, visto que os indivíduos precisam estar conscientes de si e da sua atuação dinâmica na sociedade, contribui para a etnicidade de seu grupo, servindo como ator da trama cultural como afirma Barth (1998). Tornando assim a escola, um espaço de oportunidades, como foi para si. Na próxima imagem foi o momento de acompanhar a turma na FECIMA, o evento reuniu escolas de toda a cidade, trabalhos com diferentes pesquisas e turmas. Adriele, foi selecionada na primeira etapa, para concorrer a Feira Baiana de Ciência e Matemática- FECIBA, ao qual foi selecionada para participar no ano de 2025.





Fonte: Acervo da pesquisadora

A feira aconteceu na Escola Dom Florêncio Sísíno Vieira nos turnos matutino e vespertino, reunindo alunos de escolas públicas e particulares para concorrer à Feira Baiana de Matemática, é importante ressaltar que o projeto ganhou em primeiro lugar, ficando colocado para a próxima etapa. O desenvolvimento de práticas pedagógicas que rompem com o espaço de quatro paredes ganha agora vida, ganha a voz de crianças de comunidade periférica para mostrar a autovalorização da cultura e economia familiar produzida por mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica das instituições escolares é tecido em um contexto de disputa curricular política e social, que explica por que a perspectiva epistêmica do trabalho nem sempre apresenta uma valorização dos grupos étnicos dos estudantes e sua comunidade. Entretanto, a pesquisa apontou que existem possibilidade de alinhamento do currículo, prática pedagógica, com vivências e saberes populares através de produção de conhecimento científico que visa solidez e consistência epistemológica e etnico-racial. No âmbito do itinerário, o trabalho coletivo e a formação permanente sobre história e cultura afro-brasileira e africana ganham destaque, olhando para mulheres negras que constroem a economia da sua comunidade através de uma ruptura com padrões



econômicos.

Por sua vez, a análise articulada do ciclo de construção e a vivência das práticas (itinerário, tempo curricular e ritual pedagógico) mostram que a relação básica que constitui as situações didáticas é a reflexão dialógica. É pelo diálogo e pela reflexão crítica da realidade, como propõe Paulo Freire, que o conhecimento é construído individual e coletivamente, dando corpo às práticas de valorização dos sujeitos inseridos na sala de aula e transformando em rituais pedagógicos.

Durante a pesquisa notamos que práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras devem tomar como referência os princípios da cosmovisão africana em diálogo com o pensamento de Paulo Freire, bell hooks, Nilma Lino Gomes, gerando uma forma *outra* de pensar e fazer educação, que pode ser compreendida como uma pedagogia de combate ao racismo.

Um pensar e agir pedagógicos de permanente combate ao racismo que apostam em processos geradores de autoestima e orgulho do pertencimento étnico-racial. É uma pedagogia de fronteira, porque se fundamenta nos conhecimentos próprios dos descendentes de africanos do Brasil, da África e da diáspora negra, em articulação com os conhecimentos curriculares. É uma prática que soma esforços para a construção da interculturalidade crítica, porque expõe e questiona os processos de produção da diferença colonial.

É uma pedagogia decolonial porque desestabiliza a hegemonia da colonialidade em suas várias dimensões: aposta nos conhecimentos e nos interesses da população negra como centro de sua atuação pedagógica; reconstrói e visibiliza os processos históricos vivenciados por essa população no Brasil, na África e na diáspora negra enfocando a perspectiva das diferentes populações; inspira-se na cosmovisão africana para construir princípios político-filosóficos (ancestralidade, identidade e resistência) e princípios didático-pedagógicos (coletividade, oralidade e interdisciplinaridade).

Tecida em meio à disputa curricular, é também uma pedagogia tensionada pela diferença colonial que instaura repetidos processos de questionamento da validade de suas vivências. Construída em processos de insurgência contra o pensamento hegemônico eurocêntrico é, portanto, uma pedagogia de resistência, nascida de uma cultura e de uma identidade de resistência, que tem empreendido esforços múltiplos na reconstituição das identidades, na reconstrução das memórias, na reelaboração da cultura e na resistência da



população negra no Brasil.

O projeto evidencia a impossibilidade de construir práticas pedagógicas de valorização da população negra, possuidoras de solidez e consistência epistemológicas, sem discutir o racismo como epistemologia das práticas negadoras dessa população, de seus conhecimentos e de suas formas de pensar e estar no mundo. Nesse contexto, compreender e preparar-se coletivamente para o enfrentamento da disputa parece-nos, portanto, uma estratégia importante para a efetiva implementação da política educacional no chão das escolas.

A prática pedagógica de uma escola envolve projeção e vivência, indicando a direção que o cotidiano educacional tomará na concretização do idealizado através do currículo. Portanto, diz respeito à opção político-pedagógica que a instituição faz de acordo com a concepção de educação que assume. É um instrumento que orienta a dinâmica e a organização do trabalho pedagógico (Silva, 2009) é caminho, mas é também direção. É o destino, o rumo que a instituição dá à sua prática.

REFERÊNCIAS

- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2011.
- BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. teorias da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998, p. 185-227.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.
- CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para a Minha Mãe**. Tradução Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade étnica e a moral do reconhecimento**. In: ATHIAS, Renato. **Caminhos da identidade: ensaios sobre identidade étnica e multiculturalismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006, p. 19-57.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- _____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

